

COMUNICAÇÃO-EDUCATIVA 360: O MUSEU BOULIEU E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO AMBIENTE VIRTUAL E FÍSICO

Nathália Santos¹

Sabrina Nunes²

Resumo

Este artigo apresenta a experiência de implantação do conceito de Comunicação-educativa 360 no Setor Educativo do Museu Boulieu, em Ouro Preto, considerando sua atuação presencial e virtual. A metodologia foi uma resposta ao impacto da pandemia de Covid-19 nos espaços museais.

Palavras-chave: Covid-19; Museu Boulieu; Educação não formal; Comunicação-educativa 360

Introdução

O artigo analisa a metodologia de Comunicação-educativa 360 desenvolvida pelo Museu Boulieu como resposta às demandas educacionais e comunicacionais acentuadas após a pandemia de Covid-19.

Localizado no centro histórico de Ouro Preto, o Museu Boulieu ocupa o antigo edifício da Santa Casa. Seu acervo conta com cerca de 1.200 peças reunidas pelo casal

¹ Graduada em história pela Universidade Federal de São João Del Rei – UFSJ, pós graduada em Neurociência aplicada à Educação pela UNA – BH. Atua há cerca de 8 anos em setores educativos de museus. Tendo sido os dois primeiros anos como mediadora/educadora e os demais como Coordenadora pedagógica. Atualmente está envolvida na coordenação pedagógica do Museu Boulieu e Museu de Mariana. É membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Congonhas – IHGC e do Conselho Municipal de Turismo da cidade de Congonhas.

² Museóloga formada pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), com experiência em ações educativas e expográficas. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto – PPGE/UFOP. Atualmente integra o Setor Educativo do Museu de Mariana, como Assistente de Coordenação Educativa.

Maria Helena e Jacques Boulieu ao longo de cinquenta anos, sendo composto majoritariamente por arte sacra barroca e objetos ligados a regiões influenciadas pela cultura ibérica (Longo, 2022).

MUSEUS,
COMUNICAÇÃO
E TECNOLOGIA:
CONECTANDO PÚBLICOS
NO MUNDO DIGITAL
2º SIMPÓSIO DO MUSEU DE MARIANA

Para implementação do museu, o Instituto Cultural Brasileiro do Divino Espírito Santo (ICBDES)³ foi criado em 2008, como personalidade jurídica responsável pelo Museu Boulieu. Posteriormente, em 2012, foi estabelecido um comodato que previa a concessão do edifício que o Museu foi concebido, pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto (PMOP) ao ICBDES. O Museu Boulieu foi oficialmente criado por meio da Lei Municipal nº 820, de 21 de dezembro de 2012⁴ (Longo, 2022:16).

Inaugurado em abril de 2022, em um momento de retomada gradual das atividades culturais presenciais, foi elaborado um Programa Educativo que atendesse o novo cenário imposto pelo período pandêmico da COVID-19. Nesse sentido, o programa reconhece o papel fundamental da mediação cultural como processo estratégico para construção coletiva de sentidos e potencial transformação social (Longo, 2022). Assim, discute-se aqui como o setor educativo/comunicação respondeu aos desafios impostos pela pandemia, adotando novos formatos e práticas.

O advento do covid-19: inserção e fortalecimento de espaços museológicos no ambiente virtual

A pandemia de Covid-19 provocou transformações profundas na vida social e levou ao fechamento dos museus. Foi necessário repensar a atuação institucional e encontrar meios de permanência simbólica e prática junto ao público (Studart, 2020).⁵

As palavras da vez tornaram-se aquelas que tinham como prefixo o “re”, nós precisávamos nos “reinventar”, “repaginar”, “reimaginar”, “revisar”, pareceu via de regra utilizar-se do “re” para definir uma nova forma de agir e pensar. Nada mais poderia ser exatamente como antes, o hoje carecia de “remodelação”.

³ Após reformulação jurídica, a razão social e nome fantasia passou a ser Instituto Boulieu.

⁴ Ibidem., p.16

⁵ STUDART, Denise. Pandemia global de Covid-19 e impactos para os museus: Crise ou oportunidade? 2020. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2020/8539-pandemia-global-de-covid-19-e-impactos-para-os-museus-ouoportunidade.html>.

Precisávamos inventar de novo, imaginar de novo, pensar de novo, tudo isso de forma imediata⁶. (Santos, Gonçalves 2021).



Jones (2020)⁷ foi uma das primeiras a refletir sobre os museus no contexto pandêmico. Dentre as ponderações trazidas, as questões sobre como os museus ainda poderiam ser relevantes mesmo sem a possibilidade de visitação e a dificuldade de criar meios alternativos de estabelecer uma comunicação ativa com os interlocutores são pontos que permearam a discussão.

Jones (2020) aponta que os museus vivenciam, nesse contexto, continuidade e ruptura: não abandonam suas práticas tradicionais, mas transformam a forma de entregá-las ao público. As mídias sociais tornaram-se fundamentais para a atuação dos centros culturais, ainda que produzir conteúdo em um ambiente de rápida obsolescência seja um desafio. Para permanecerem relevantes, afirma Jones (2020), os museus precisam compreender as necessidades emocionais de seu público e adotar uma postura empática na produção de conteúdo.

Para Jones (2020) haveria por parte dos museus o reconhecimento que esses deveriam mudar, sem ter ao certo qual seria a nova identidade.

Eles começarão a experimentar novos tipos de programas. Eles podem reembalar conteúdos antigos, mas com um novo propósito construído especialmente para as novas necessidades emocionais e às vezes físicas das pessoas. Muitos se tornarão mais experientes e produzirão conteúdos completamente inéditos e novas maneiras de engajamento. Algumas dessas ideias funcionam, outras não. Mas planos estratégicos antigos não se aplicam mais. Os papéis mudam. É confuso e assustador. Mas para alguns, é excitante e libertador.⁸ (Jones, 2020, s.p.).

⁶ SANTOS, Nathália Rezende; GONÇALVES, Matheus Henrique Velozo. Educação patrimonial no Museu de Congonhas: (re)formulando ações educacionais remotas. Disponível em: [Anais do Simpósio do Museu Regional de São João del-Rei – Museu Regional de São João Del Rei \(museus.gov.br\)](#).

⁷ JONES, Andrea. EMPATHETIC AUDIENCE ENGAGEMENT DURING THE APOCALYPSE. 2020. Tradução: PONTE, Beth.

⁸ Ibidem., s.p.

Em uma realidade onde os equipamentos culturais ficaram cada vez mais ameaçados em terem suas portas fechadas permanentemente, os museus tiveram de pensar em estratégias rápidas que garantissem a sua imprescindibilidade para a sociedade.

“(…) fica evidente, por um lado, a ansiedade de instituições em se manterem visíveis e relevantes, a fim de justificar a manutenção, mesmo a portas fechadas, de equipas e patrocínios.”⁹ (Schenkel, 2020: 3).

Os museus, contudo, em sua maioria, não conseguiram analisar e compreender as demandas emocionais do restrito grupo que conseguiram dialogar, como proposto por Jones (2020).

(…) essas instituições parecem estar falando, se não com elas mesmas, para um tipo de espectador ideal que emerge em meio ao contexto da pandemia: alguém privilegiado o suficiente para poder optar pelo isolamento, que se encontra em casa sem grandes preocupações financeiras ou filhos pequenos, com internet banda larga e tempo disponível para passar horas em frente ao computador [...].¹⁰(Schenkel, 2020: 3).

Quando posto que apenas metade da humanidade possui acesso às tecnologias digitais (UNESCO, 2020), as dificuldades de estabelecer contato com o público tornam-se ainda maiores para os museus.

Entretanto, faz-se necessário ponderar que a forte inserção dos museus na internet, rompe com as barreiras geográficas impostas por nosso espaço físico, viabilizando que muitos tivessem oportunidade de interação com museus que nem sequer podiam sonhar em visitar a não ser por meio das tecnologias digitais.¹¹ (Marti, Santos, 2019).

⁹ SCHENKEL, Camila. Em quarentena: apontamentos sobre educação em museus em tempos de pandemia. Porto Arte. v.25 n.43. 2020. Disponível: <https://doi.org/10.22456/2179-8001.108108>.

¹⁰ Ibidem., p.3.

¹¹ MARTI, Frieda; SANTOS DOS, Edméa Oliveira. Educação museal online: a Educação Museal na/com a Cibercultura. Revista Docência e Cibercultura. Rio de Janeiro. V.3, n.2. 2019. p. 41-66. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/redoc.2019.44589>.

Apesar da potencial ampliação de acesso proporcionada pela internet, excluem-se públicos que não se encontram nessa situação de conectividade ideal, como idosos sem familiares com smartphones e Instagram ou jovens de periferia com pacotes limitados, que também poderiam se beneficiar de ofertas culturais em tempos tão desafiadores. Ser parte de um público significa ser alguém solicitado por determinado tipo de objeto ou discurso, habitar um tipo de mundo social, ser motivado por determinados interesses e dispor de certos meios.¹² (Schenkel, 2020:3)

As questões sobre acesso às tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) são alguns dos inúmeros tópicos que o advento da pandemia nos trouxe, realçando ainda mais um processo em curso. O certo é que a contínua transformação e desenvolvimento das novas tecnologias digitais na rede (TDR) vêm modificando nossas vivências sociais. Os avanços das tecnologias digitais e de telecomunicação com a internet, a Web 2.0 e a digitalização da informação desenvolveram novas possibilidades quanto ao processamento, armazenamento, produção e transmissão da informação, suscitando em frequentes transformações políticas, culturais, econômicas e educacionais das atividades humanas, incluindo as vivências em museus. (Marti et. Al, 2019)¹³.

Esses mecanismos trouxeram quebras de paradigmas, permitindo acesso à informação de forma não linear, pois o próprio usuário define seus caminhos de busca. Ele já não precisa se deslocar para obter dados, que agora podem ser acessados facilmente por computador ou outras tecnologias (Marti; Santos, 2019).

Por meio das redes de teleinformática promoveu-se uma revolução digital, que enseja a convergência de variados espaços midiáticos consubstanciados em único setor

¹² SCHENKEL. op. cit, p.3

¹³ MARTI, Frieda; CASTRO DE, Fernanda Santana Rabello; COSTA, Andréa Fernandes. Educação Museal e Cibercultura: pensando conceitos, práticas de um campo em construção. Revista Docência e Cibercultura. Rio de Janeiro. V.3, n.2. 2019. p. 10-17. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/redoc.2019.44970>.

digital a partir de textos, do audiovisual, telecomunicações e informática. (Santos, Gonçalves, 2021: 7).

Como resultado da digitalização da informação e interconexão em escala mundial de computadores surge o ciberespaço. Levy (1999) o define como local de comunicação aberta, que é entreposto pela interconexão planetária de computadores e de seus armazenamentos. (Marti, Santos, 2019)

Sendo assim, as redes humanas e não humanas (máquinas cerebrais) formadas a partir do advento da internet permitiram a configuração e a reconfiguração de novos espaços tempos de interação e de aprendizagem ensino. Esse novo espaço conversacional, o ciberespaço, permite a troca de informações e diversos modos de comunicação, simultânea ou não, entre todos os seus usuários¹⁵ (Marti, Santos, 2019: 45, 46).

A interatividade do ciberespaço promove autonomia na busca por informação, rompendo com o modelo unidirecional e linear da comunicação. Trata-se de um ambiente de redes contínuas e abertas, onde o conhecimento é construído coletivamente (Marti; Santos, 2019).

O ciberespaço é formado pelas tecnologias digitais em rede, que ampliam o armazenamento, o processamento de dados e a comunicação, agora marcada por conectividade distribuída, e não mais centralizada (Marti; Santos, 2019).

Assim, as formas de comunicação no ciberespaço têm transformado as relações sociais, criando novas linguagens e práticas culturais que configuram a cibercultura, estruturada pelas tecnologias digitais que articulam cidade e mundo virtual (Marti et al., 2019).

¹⁴ SANTOS; GONÇALVES, op. cit, p.7

¹⁵ MARTI, SANTOS, op. cit.45, 46.

Marti e Santos (2019:55) definem a cibercultura como contemporânea mediada e estruturada pelas TDR nas esferas da cidade e do ciberespaço, e que atualmente se caracteriza como cibercultura móvel e ubíqua.”¹⁶ Os dispositivos móveis estão, portanto, intimamente ligados a essa nova vivência/troca social que viabiliza cada vez mais uma comunicação ubíqua - informação a qualquer hora e lugar. (Marti, Santos, 2019).

Esse contexto, que já provocava mudanças nos paradigmas sociais e educacionais, tornou-se ainda mais central após a Covid-19, trazendo novos desafios às práticas de educação patrimonial. Assim, antes de abordar a atuação do Museu Boulieu no ambiente virtual, é necessário apontar o que caracteriza a prática educacional nos espaços museais.

Educação em museus: definições e práticas

Ao abordar a temática da educação em museus, observa-se que o termo costuma vir acompanhado de qualificações como “não formal”, “patrimonial” ou “museal”. Diversos debates foram realizados com o objetivo de delimitar de forma mais precisa o conceito de educação desenvolvida nesses espaços. A expressão “educação em museus” passou a ser amplamente empregada a partir dos seminários promovidos, na década de 1950, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Por sua vez, o termo “educação patrimonial” ganhou maior difusão no Brasil a partir dos anos 1980, sendo concebido como uma prática voltada ao trabalho educativo com o patrimônio cultural presente em museus e monumentos históricos, visando fomentar sua valorização e apropriação, bem como orientar os sujeitos sociais para uma fruição mais consciente desses bens. (Brasil, 2018)¹⁷.

¹⁶ MARTI, SANTOS, op. cit.55.

¹⁷ Instituto Brasileiro de Museus. Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília, DF: IBRAM, 2018.

O conceito de “Educação Museal”

“(…) passa a ser utilizado como uma reivindicação tanto de uma modalidade educacional – que contempla um conjunto integrado de planejamento, sistematização, realização, registro e avaliação dos programas, projetos e ações educativas museais – quanto de um campo científico. O termo vem sendo usado por vários autores para se referir ao conjunto de práticas e reflexões concernentes ao ato educativo e suas interfaces com o campo dos museus. (Brasil, 2018: 73)¹⁸

A educação em museus é um programa estruturado para atender diversos públicos, envolvendo conteúdos, metodologias, processos de aprendizagem e experiências com o patrimônio. Esses elementos promovem pertencimento, compreensão histórica, preservação e o reconhecimento de diferentes percepções sobre o patrimônio (Brasil, 2018).

A Educação Museal é uma peça no complexo funcionamento da educação geral dos indivíduos na sociedade. Seu foco não está em objetos ou acervos, mas na formação dos sujeitos em interação com os bens musealizados, com os profissionais dos museus e a experiência da visita. (...) a Educação Museal atua para uma formação crítica e integral dos indivíduos, sua emancipação e atuação consciente na sociedade com o fim de transformá-la.¹⁹ (Brasil, 2018: 74)

O processo educativo desenvolvido nos museus, entretanto, não pode ser equiparado ao modelo de ensino praticado nas escolas. Esses ambientes oferecem uma forma de educação não formal, o que lhes confere uma especificidade capaz de “(...) diferenciá-los das experiências formais de educação, como aquelas desenvolvidas na escola, e das experiências informais, geralmente associadas ao âmbito da família” (Marandino, 2009: 29, 30). (Marandino, 2009: 29, 30)²⁰.

¹⁸ Ibidem., p.73

¹⁹ Ibidem., p.74

²⁰ MARANDINO, Martha (org.). Museu e escola: educação formal e não-formal. ISSN 1982 - 0283 Ano XIX – Nº 3 – Maio/2009.

Gohn (2007), ao discutir a educação não formal, ressalta que essas práticas se desenvolvem principalmente fora do ambiente escolar. Elas têm como propósito central a “(...) formação de cidadãos aptos a solucionar problemas do cotidiano, desenvolver habilidades, capacitar-se para o trabalho, organizar-se coletivamente, apurar a compreensão do mundo à sua volta e ler criticamente a informação que recebem”²¹ (Gohn, 2007: 14).

De acordo com Gohn (2007), a educação possui um alcance mais amplo do que o simples ato de aprender, estando intrinsecamente relacionada ao conceito de cultura. O processo de formação cidadã ocorre por meio da valorização dos elementos culturais já presentes na comunidade frequentemente combinados com novos aportes introduzidos pelos educadores e pela vivência em práticas coletivas, geralmente estruturadas a partir de eixos temáticos como questões étnico-raciais, de gênero e geracionais. (Gohn, 2007: 14)²².

A educação não formal, portanto, abrange diversas dimensões, podendo manifestar-se em diferentes contextos, conforme a natureza da atividade e os objetivos propostos. Um aspecto fundamental para compreender esse tipo de educação é que ela apresenta traços mais flexíveis, com menor grau de hierarquia e burocracia em comparação à educação formal. (Gohn, 2007).

É relevante destacar que tanto os espaços quanto a duração dos programas educativos no contexto da educação não formal são variáveis, adequando-se ao ritmo dos participantes. Assim, por se desenvolverem de maneira colaborativa e em distintos contextos culturais e sociais, tais programas podem assumir novas direções ao longo de seu percurso. (Gohn, 2007).

²¹ GOHN, Maria da Glória, Não-fronteiras: universos da educação não-formal. São Paulo : Itaú Cultural, 2007. Disponível em: <http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2012/02/000323.pdf>.

²² Ibidem., p.14.



MUSEUS,
COMUNICAÇÃO
E TECNOLOGIA:
CONECTANDO PÚBLICOS
NO MUNDO DIGITAL
2º SIMPÓSIO DO MUSEU DE MARIANA

Para delimitar as modalidades de educação formal, não formal e informal, Marandino (2009) analisa o relatório Learning to Be – The Faure Report (Unesco, 1972), que ajudou a consolidar essa tripartição. A educação formal é definida como um sistema hierarquizado e cronológico, do ensino primário à universidade. A educação não formal abrange atividades educativas fora desse sistema, voltadas a grupos específicos. Já a educação informal corresponde ao aprendizado contínuo ao longo da vida, decorrente das experiências cotidianas e das influências da família, do trabalho, das mídias e de outros contextos sociais.

Marandino (2009) aponta que não há consenso quanto à caracterização dos museus como espaços de educação não formal. Nesse debate, Rogers (2004) apresenta uma perspectiva diferenciada ao compreender a tríade educacional formal, não formal e informal como um continuum, em vez de categorias rigidamente separadas.

Marandino (2009) afirma que a aprendizagem é um processo dinâmico baseado na interação entre sujeito e ambiente. Nos museus, isso exige promover uma relação que estimule a participação ativa do público, com ações educativas sustentadas por uma orientação pedagógica clara e articulada com instituições parceiras.

Gohn (2007) complementa dizendo que, na educação não formal, a aprendizagem envolve dimensões emocionais, cognitivas e habilidades corporais e técnicas, contribuindo para a capacitação e criação. Esse processo ocorre por meio de um diálogo orientado por temas, que demanda mais do que interação: exige fundamentos teóricos e metodológicos capazes de reconhecer as especificidades dos participantes.

É dentro dessas premissas que conseguimos compreender as atividades educacionais realizadas pelo Museu Boulieu, e como este elaborou uma nova metodologia para conseguir realizar práticas significativas mesmo em uma realidade

onde ainda se tinha medidas restritivas de interação social ocasionada pela pandemia de Covid-19.

Utilização da Comunicação-educativa 360 na implantação e desenvolvimento do setor educativo no Museu Boulieu

A presença dos museus na internet ocorre desde seus primórdios, visando fortalecer suas ações educativas e comunicacionais. Inicialmente, essa inserção se deu sobretudo por meio de sites, que ampliavam a divulgação de informações, serviços e atividades, estabelecendo novas formas de comunicação com o público (Marti; Santos, 2019).

Com o avanço das tecnologias digitais, da Web 2.0 e das novas formas de sociabilidade no ciberespaço, os museus passaram a ocupar gradualmente esse ambiente. A pandemia de Covid-19 acelerou esse processo, tornando a atuação virtual uma necessidade.

O Museu Boulieu surge nesse cenário. Inaugurado em abril de 2022, durante o relaxamento das medidas de combate à Covid-19, seu projeto educativo foi concebido ainda no período de transição, quando a flexibilização era prevista, mas não totalmente implementada. Nesse contexto, considera-se que:

Diante dessas novas dinâmicas e contextos comunicacionais e de produção de conhecimento, fez-se necessário fazer pensar (*sic*) outras modalidades de aprendizagem ensino (*sic*) que levem em conta a relação do praticante cultural com esses múltiplos espaços de colaboração em rede (e.g. redes sociais digitais) na esfera cidade/ciberespaço em tempos de mobilidade e ubiquidade.²³ (Marti, Santos, 2019: 55).

Assim, o programa educativo foi traçado na compreensão de que o ciberespaço não poderia ter menos ênfase do que o espaço físico. Era necessário não apenas pensar

²³ MARTI, SANTOS, op. cit, p.55.



MUSEUS,
COMUNICAÇÃO
E TECNOLOGIA:
CONECTANDO PÚBLICOS
NO MUNDO DIGITAL
2º SIMPÓSIO DO MUSEU DE MARIANA

formas de se comunicar com a comunidade local e global, mas também se estruturar de forma a incluir as demandas da incipiente realidade pandêmica/pós-pandêmica. Sendo elaborado um programa de Comunicação-educativa 360.

A nova abordagem educacional foi criada a fim de inserir as práticas educativas no espaço físico e virtual do Museu Boulieu (Facebook, Instagram, Youtube, Spotify). Assim, a concepção do setor educativo do Museu Boulieu conversa intimamente com as ações de comunicação que promovem a instituição.

O programa de Comunicação-educativa 360 tem, portanto, o objetivo de abarcar os públicos virtuais e presenciais, sem que o contato educativo em uma realidade seja mais favorecido do que a outra. Por isso é priorizado que os mesmos temas e informações sejam trabalhados em conjunto.

A partir de temas específicos da expografia do referido museu, o educativo trabalha oficinas que viabilizam o processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, o setor conta com um cardápio de oficinas que são trabalhados por eixos temáticos mensalmente. Esses mesmos eixos compõem os quadros que vão ao ar nas mídias sociais do museu. Dessa forma, não apenas o espaço físico do museu viabiliza processos educativos, como também as mídias sociais tem uma vertente para a realização do programa educacional, em uma proposta integrada entre comunicação e educação. Uma comunicação-educativa 360!

Ainda que o museu incorpore práticas educativas já realizadas em outros espaços, como o fato de ter um cardápio de oficinas, essas não são trabalhadas da mesma forma. Para maior clareza, usaremos um exemplo. Se no mês de abril (2022) a história do casal colecionador que doou as peças para a fundação do museu foi o foco da oficina “Diário Boulieu”, essa mesma temática foi trabalhada nas mídias sociais, assim como foi realizada uma oficina virtual.

Essa incipiente sociedade em rede com espaços digitais e virtuais de aprendizado viabilizam práticas nem sequer imaginadas. O programa de comunicação-educativa 360 vale-se dessas práticas, sendo algumas delas elaboradas a serem mediadas através da Educação online (EOL), que na definição de Marti e Santos (2019:53) fundamenta-se:

(...) no uso de interfaces digitais em rede, lançando mão da hipertextualidade, da interatividade e da aprendizagem colaborativa, a partir da mediação docente de percursos de aprendizagem, para que os participantes aprendam na dialógica com os demais participantes envolvidos por meio de processos síncronos e assíncronos de comunicação, tanto em encontros presenciais, à distância ou em situações híbridas.²⁴

A EOL ocorre pelo envolvimento dos sujeitos em um processo comunicacional e pedagógico que estimula interatividade e co-criação. A oficina Diário Boulieu, por exemplo, pode ganhar novas abordagens: seu formato em vídeo é usado para tornar a proposta mais clara no espaço físico, dinamizando o ensino por meio das tecnologias da informação. Assim, é possível que, no mesmo dia, um professor utilize a oficina disponível nas redes sociais em sala de aula enquanto ela é aplicada presencialmente no museu, com o mediador recorrendo à versão virtual para apoiar a atividade.

O método de ensino-aprendizagem do programa de Comunicação-educativa 360 tem como intenção a formação de sujeitos mais críticos e capazes de se colocar como sujeito ativo do seu processo de aprendizado, como explana o apontamento de Gohn (2007) anteriormente trazido.

A Comunicação-educativa 360 localiza a educação não formal em atividades presenciais, virtuais e híbridas de forma integrada, sem que a escolha de um desses vieses implique em um contato menos qualificado com o processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, a instituição além de explorar seu ambiente físico, vale-se das mídias sociais, tendo em vista que essas “(...) podem estimular e ampliar o envolvimento

²⁴ MARTI, SANTOS, op. cit, p.53.

de comunidades locais, o engajamento público e a aprendizagem” (Marti, Santos, 2019: 53)²⁵.

MUSEUS,
COMUNICAÇÃO
E TECNOLOGIA:
CONECTANDO PÚBLICOS
NO MUNDO DIGITAL
2º SIMPÓSIO DO MUSEU DE MARIANA

Com a proposta é esperado que a educação patrimonial e cultural se torne mais palatável e acessível para diversos grupos de pessoas, de idades, crenças e estruturação social diferentes. A intenção é também fomentar o sentimento de pertencimento dos atores do território de Ouro Preto, haja visto que desde o início da implantação do projeto foi observado um grande distanciamento da comunidade local nas questões culturais da cidade patrimônio. Desta forma, a proposta apresenta uma contribuição que vai do macro para o micro, reverberando local e globalmente os conteúdos disseminados.

REFERÊNCIAS:

GOHN, Maria da Glória, **Não-fronteiras: universos da educação não-formal**. São Paulo : Itaú Cultural, 2007. Disponível em: <http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2012/02/000323.pdf>. Acesso em: out. 2022.

Instituto Brasileiro de Museus. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018.

JONES, Andrea. **EMPATHETIC AUDIENCE ENGAGEMENT DURING THE APOCALYPSE**. 2020. Tradução: PONTE, Beth.

LONGO, Viviane Vitor. **Plano Museológico 2022 - 2026**. São Paulo: 2022.

MARANDINO, Martha (Org). **Educação em museus: a mediação em foco**. São Paulo: GEEF/FEUSP, 2008.

MARANDINO, Martha (org.). **Museu e escola: educação formal e não-formal**. ISSN 1982 - 0283 Ano XIX – Nº 3 – Maio/2009.

²⁵ MARTI, SANTOS, op. cit, p.53.

MARTI, Frieda; CASTRO DE, Fernanda Santana Rabello; COSTA, Andréa Fernandes.

Educação Museal e Cibercultura: pensando conceitos, práticas de um campo em construção. Revista Docência e Cibercultura. Rio de Janeiro. V.3, n.2, 2019. p. 10-17.

Disponível em: <https://doi.org/10.12957/redoc.2019.44970>. Acesso em: Out. 2022.

MARTI, Frieda; SANTOS DOS, Edméa Oliveira. **Educação museal online: a Educação**

Museal na/com a Cibercultura. Revista Docência e Cibercultura. Rio de Janeiro. V.3, n.2. 2019. p. 41-66. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/redoc.2019.44589>. Acesso em: Out. 2022.

MUSEU BOULIEU. Sobre. Disponível em: <https://museuboulieu.org.br/sobre/>. Acesso em: Nov. 2022.

SANTOS, Nathália Rezende; GONÇALVES, Matheus Henrique Velozo. **Educação patrimonial no Museu de Congonhas: (re)formulando ações educacionais remotas.**

Disponível em: [Anais do Simpósio do Museu Regional de São João del-Rei – Museu Regional de São João Del Rei \(museus.gov.br\)](https://www.museus.gov.br/anais-do-simpósio-do-museu-regional-de-são-joão-del-rei). Acesso em: Out. 2022.

SCHENKEL, Camila. **Em quarentena: apontamentos sobre educação em museus em tempos de pandemia.** Porto Arte. v.25 n.43. 2020. Disponível:

<https://doi.org/10.22456/2179-8001.108108>. Acesso em: Out. 2022.

STUDART, Denise. **Pandemia global de Covid-19 e impactos para os museus: Crise ou oportunidade?** 2020. Disponível em:

<https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2020/8539-pandemia-global-de-covid-19-e-impactos-para-os-museus-crise-ouoportunidade.html>.

Acesso em: Out. 2022.

UNESCO. **Pandemia fecha 90% dos museus em todo o mundo, diz UNESCO.**

Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/85815-pandemia-fecha-90-dos-museus-em-todo-o-mundo-diz-unesco>. Acesso em: Nov. 2022.